

Provided for non-commercial research and education use.
Not for reproduction, distribution or commercial use.



This article appeared in:



Paulo C. Dias; Armanda Gonçalves, Ângela Azevedo & Fátima Lobo (Eds). – **Novos Desafios, Novas Competências: Contributos Atuais da Psicologia**. Braga: Axioma – Publicações da Faculdade de Filosofia, 2016 [eISBN: 978-972-697-267-9], DOI: [10.17990/Axi/2016_9789726972679](https://doi.org/10.17990/Axi/2016_9789726972679)

Published by *Axioma – Publicações da Faculdade de Filosofia*. The attached copy is furnished to the author for internal non-commercial research and education use, including for instruction at the authors institution and sharing with colleagues.

Other uses, including reproduction and distribution, or selling or licensing copies, or posting to personal, institutional or third party websites are prohibited.

The copyright of this chapter belongs to the *Aletheia – Associação Científica e Cultural*, such that any posterior publication will require a written permission.



ALETHEIA - Associação Científica e Cultural
Faculdade de Filosofia de Braga
Praça da Faculdade, 1
4710-297 BRAGA
Portugal
aletheia.ffcs@braga.ucp.pt

CAPÍTULO 8

Educação Sexual e para os Afetos: Retratos da Infância de quem viveu em Residências de Acolhimento

Affective and sexual education: childhood portraits of those who lived in foster care homes

Judite Zamith-Cruz^a

Ana Rita Fernandes^b

Júlio Gomes^c

Zélia Anastácio^d

Resumo

O presente trabalho incidiu sobre a problemática de crianças e jovens oriundos de famílias disfuncionais onde estavam expostos a contextos ameaçadores para a sua saúde e integridade física e emocional. O objetivo geral consistiu em compreender concepções e fenómenos associados a comportamentos afetivo-sexuais de jovens que viveram em instituições de acolhimento, a fim de criar estruturas que estimulem a aquisição de competências pessoais e sociais. Para intervir nesta problemática optou-se por uma metodologia de investigação-ação. Na fase de diagnóstico realizaram-se entrevistas semiestruturadas e orientadas por um guião. Foram colocadas questões sobre *afiliações* e *sexualidade e afetividade* e recolhidos relatos das experiências significativas de jovens adultos. Foram entrevistados 5 ex-residentes em Lares de Infância e Juventude (LIJ), de ambos os sexos (3 rapazes e 2 raparigas) com idades compreendidas entre 18 e 24 anos. Os dados obtidos nas entrevistas foram alvo de análise de discurso, constituindo-se categorias de análise *a priori* com base no conteúdo das questões. Dos resultados obtidos salienta-se que nenhum dos participantes referiu motivos plenos para a sua institucionalização, ignorando ou rejeitando a adversidade e maus tratos/abuso sofridos na sua infância. A sua perceção sobre os diálogos que os adultos mantinham com as jovens era de que diferiam dos que estabeleciam com os jovens, falando com elas de “menstruação” e “questões do corpo” (com preocupação acentuada sobre gravidez) e discutindo mais com eles sexo e prevenção de doenças. Sendo inexistentes relatos sobre relações afetivas e intimidade/confiança, parece urgente que os adultos de referência se predisponham a debater sentimentos e emoções e a auxiliar os jovens nas tomadas de decisão e na procura de resolução para os seus problemas afetivo-sexuais.

Palavras-chave: Educação sexual; afetividade; formação e desenvolvimento de profissionais.

Abstract

The present work was focused on the problems of children and young people from dysfunctional families where they were exposed to threatening contexts for their health and physical and emotional integrity. The overall objective was to understand conceptions and phenomena associated with the affective-sexual behaviors of young people who have lived in host institutions, in order to create structures that encourage the acquisition of personal and social skills. To intervene on this issue an action-research methodology was followed. In the

^a Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho.

Correspondência para: ✉ zeliarf@ie.uminho.pt

^b Colégio de S. Caetano - Pólo de Formação.

^c Instituto de Educação, Universidade do Minho.

^d Centro de Investigação em Estudos da Criança, Universidade do Minho.

diagnostic phase semi-structured interviews were conducted and guided by a script. Questions about affiliations and sexuality and affection have been raised and reports of significant experiences of young adults were collected. We interviewed 5 ex-residents in host institutions of children and youth (LIJ), of both sexes (3 boys and 2 girls) aged between 18 and 24 years. Data obtained by interviews were subjected to discourse analysis, being *a priori* analysis categories based on the content of the questions. The results obtained should be noted that none of the participants said full reasons for their institutionalization, ignoring or rejecting the adversity and mistreatment/abuse suffered in their childhood. Youth perception about the dialogues adults held with the girls was that it differed from those established with the boys, talking with girls about “menstruation” and “body issues” (with marked concern about pregnancy) and discussing with boys about sex and disease prevention. Without reports about relationships and intimacy/confidence, it seems urgent that adults of reference be able to discuss feelings and emotions and to assist young people in decision-making and in seeking resolution to their affective-sexual problems.

Keywords: Sex Education; affectivity; training and development of professionals.

Introdução

O presente trabalho é parte do projeto de investigação «Desenvolvimento de Competências para a Saúde e a Sexualidade Saudável a partir da Identificação de Necessidades em Meio Escolar e Meio Institucional» (FCT: PTDC/CPE-CED/120404/2010).

O projeto edificou-se a partir de solicitações de técnicos de instituições de acolhimento de crianças e jovens para apoio e formação na área da sexualidade, dados os comportamentos sexuais inadequados com que se deparavam por parte dos acolhidos, como nos relatavam. Considerando as diretivas internacionais, o projeto tinha os seguintes fundamentos (UNESCO, 2008; 2009): *i*) a evidência de dificuldades na implementação da Educação Sexual (ES) de forma consistente e continuada; *ii*) a emergência e aumento de comportamentos sexuais de risco em jovens; e *iii*) as limitações de conhecimento dos profissionais que lidam com crianças e adolescentes sobre sexualidade humana e educação sexual.

Graves disfunções familiares têm conduzido à institucionalização de crianças e jovens (Instituto da Segurança Social, 2012), com vista à sua proteção face a contextos que ameaçam a sua integridade física e emocional, incluindo os comportamentos sexuais precoces e de risco para a saúde (Antunes, 2010; Magalhães, 2010).

O conceito de famílias “desestruturadas” (Furniss, 1991; Marvasti, 1995; Alves, 2007) refere-se a contextos primários que apresentam episódios de violência doméstica/conjugal, existindo vínculos/apegos reduzidos no casal, com mudança frequente de companheiro/a, comunicação limitada e ausência de regras, que podem ainda ser ambivalentes (“sim” e “não”, simultaneamente) ou inadequadas, ou seja, famílias com relacionamentos “disfuncionais”. Outro critério considerado pelos mesmos autores inclui a morte, a separação e o divórcio como cenários de graves

crises familiares. Ainda tem vindo a ser salientada a condição de emigração e/ou mudança de residência frequente e a ausência prolongada de figura significativa, sendo mais frequentemente o pai.

Em 2012, foram acompanhados por serviços públicos em Portugal mais de 16 mil crianças e jovens (Instituto de Segurança Social/ISS, 2013), em condições adversas. Em situações de perigo, no ano transato, esse foi o número de processos abertos por mais de 300 Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), com pelo menos 5 técnicos envolvidos na prevenção (*Jornal Público*, 27/05/2013), mas sem contabilizar processos de anos anteriores. Em termos longitudinais (2006-2011), o número de menores em instituições desceram 27%, de acordo com o *Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento de Crianças e Jovens*, de 2011 (Instituto de Segurança Social/ISS, 2012).

Em 2013 foi focada pela primeira vez a “exposição a comportamentos desviantes” como motivo de muitas separações de jovens das suas famílias. Portanto terão diminuído as situações consideradas de “negligência” e aumentado o número de casos de jovens referenciados por “comportamento desviante”, sobretudo expostos a violência familiar, associada a consumo de substâncias psicoativas, álcool e estupefacientes; a abuso sexual; e evidenciando absentismo escolar. Foram também enfatizadas circunstâncias em que são os jovens a fazerem mal a si próprios (autoflagelação), sem que os adultos atuem.

Por sua vez, em Braga, no ano de 2012 (dados de 23 de junho e de 6 de novembro de 2012), de acordo com uma tipologia de situações de perigo, fornecida por CPCJ-Braga ao jornal local *Correio do Minho* (2012, 06/11/2012, p. 4), foram registadas 241 circunstâncias, discriminando situações, de forma quantificada: *i*) negligência a nível educativo, de saúde, dos comportamentos das crianças e psicoafetivos (47 situações); *ii*) negligência na supervisão e acompanhamento familiar (40 situações); *iii*) comportamentos desadequados (roubo, consumo de estupefacientes e álcool, violência para com a família e pares, *bullying*, fuga e pernoita fora de casa de familiares e vandalismo, frequência de espaços noturnos e insubordinação em contexto escolar (39 situações); *iv*) absentismo escolar (32 situações); *v*) violência doméstica (30 situações); *vi*) abandono escolar (16 situações); *vii*) exposição a modelos que possam prejudicar o bem-estar e desenvolvimento da criança (14 situações); *viii*) maus tratos físicos (11 situações); *ix*) maus tratos psicológicos e abusos emocionais (6 situações); *x*) consumo de estupefacientes (5 situações); e *xi*) prática de facto qualificado pela lei penal como crime - crianças de idade inferior a 12 anos (1 situação).

Estes indicadores de problemas são preocupantes, para temáticas não contornáveis, nomeadamente por força dos *media*, sem que se conheça a

combinação de fatores de risco que torna mais provável a ocorrência de abuso/maus tratos de crianças e jovens.

Objetivos do Estudo

Os objetivos deste trabalho focaram-se em compreender que aceitação e compromisso de valores para a vida assumem os/as jovens que foram institucionalizados; conhecer a experiência de ser um/uma estudante em minoria (ou da maioria, no LJJ); identificar o nível de compreensão dos jovens relativamente aos conceitos de sexualidade e afetividade, com vista à maior compreensão de práticas de vida e a intervir eficazmente; averiguar questões de género e de diversidade sexual nas múltiplas dimensões da sexualidade; identificar as condições que proporcionam confiança/intimidade, sociabilidade e sentimento de bem-estar no/as entrevistado/as, separado/as do seu “meio natural de vida” na infância. Tivemos também como objetivo conhecer melhor o impacto de riscos/perigos, nos domínios afetivo-sexuais de quem vive com problemáticas associadas: orfandade, pai desconhecido, discórdia conjugal grave, família numerosa, situação socioeconómica frágil, escassa educação dos pais, problema psiquiátrico da mãe, conduta criminal do pai.

Pretende-se desta forma dar continuidade a propostas de prevenção de práticas de vida pós-institucionais (in-)satisfatórias, bem como atender a recursos pessoais de antigos acolhidos e de membros inspiradores e formadores pró-ativos de instituição, com especificidades próprias: locais de possibilidade social, de aprendizagem e de desenvolvimento.

Metodologia

A metodologia é qualitativa, sendo uma Investigação-Ação, a qual trabalha com estudos de caso (Cohen, Manion & Morrison, 2008). Apresenta-se aqui um estudo de caso realizado na fase de diagnóstico e de forma exploratória.

Amostra

O tipo de amostra é de conveniência, sendo a mesma constituída por cinco jovens (três do sexo masculino e dois do sexo feminino) com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos.

Como critérios de seleção e inclusão na amostra salientam-se a acessibilidade e a sua aceitação para participar no trabalho de investigação, acerca de cujos propósitos foram previamente informados. Os inquiridos

preencheram ainda outros requisitos para a seleção, nomeadamente a estabilidade emocional manifestada ao longo do tempo de escola, com informações positivas de educadores e professores e condutas adequadas no último LIJ frequentado e nas profissões que desempenhavam.

Dois rapazes foram residentes em dois LIJ, com permanência (prolongada), excedendo os 4 anos. Os outros três jovens permaneceram em idênticas condições de atendimento prolongado, mas nunca mudaram de instituição.

Para tratamento dos dados, os relatos dos participantes foram identificados, primeiro por número de texto/entrevista produzida (E#n), depois por sexo, masculino (M) ou feminino (F), e no fim por idade, obtendo-se as designações: E#1M24anos; E#2M21anos; E#3F21anos; E#4M19anos; e E#5F18anos. Seguidamente, foram atribuídos nomes fictícios aos respectivos inquiridos (*João, Francisco, Teresa, Manuel e Júlia*), os quais usamos aqui para caracterizar a amostra e posteriormente na apresentação dos resultados.

Assim:

- *João* esteve colocado num LIJ, dos 4 aos 21 anos (17 anos);
- *Francisco* dos 12 aos 16 anos (4 anos);
- *Teresa* dos 7 aos 15 anos (8 anos);
- *Manuel e Júlia* foram residentes durante 8 anos.

Todos foram institucionalizados entre os 4 e os 12 anos de idade, por razões indicadas pelos próprios, na ordem sequencial de entrevistas:

- *João* - abandono materno (aos 2 anos), com desconhecimento do pai;
- *Francisco* - separação dos pais;
- *Teresa* - morte dos progenitores;
- *Manuel* - maus tratos e negligência;
- *Júlia* - separação/divórcio dos pais.

É possível distinguir duas *gerações*, com base nas idades, constituindo *João, Francisco e Teresa a primeira geração* (24-21 anos); *Manuel e Júlia uma segunda geração* (21-18 anos).

O nível de escolaridade de *João* é de 12.º ano completo. *Francisco* e *Teresa* alcançaram a frequência de 10.º ano, em Portugal, encontrando-se *Teresa* no momento a estudar num curso de mestrado, em Nova Iorque (EUA), após adoção aos 15 anos. *Manuel* realiza então uma licenciatura em Educação Física e *Júlia* completou o 9.º ano.

A circunstância de três inquiridos namorarem (*Francisco, Teresa e Júlia*) indica uma possível estabilidade em relação, mas *Francisco* tem uma namorada a estudar noutra localidade distante. Os hobbies passam pela prática de desporto (*João, Francisco, Teresa e Manuel*), convívio com os amigos ex-colegas da instituição (*João, Francisco e Júlia*) e participação numa banda musical (*João*). A atual relação com a família (não inquirida) é sustentada por tios (*João e Francisco*), por primos (*João*), pela família de namorado/companheiro (*Júlia*) e por família portuguesa de adoção (*Teresa*). *João* coabita com ex-colegas de instituição, enquanto *Teresa e Manuel* vivem em residências de estudantes e *Júlia* com a família do companheiro. Por sua vez, *Francisco* reside de forma independente. *João e Francisco* encontravam-se empregados em lojas, tendo um deles ficado desempregado recentemente. *Teresa* trabalha como Educadora (assistente e mentora), em escolas de 2.º ciclo e 3.º ciclo, em Nova Iorque. *Júlia e Manuel* nunca trabalharam.

Não existem situações declaradas de abuso de substâncias (tabaco, álcool e toxicodependências). São todos solteiros e sem filhos.

Instrumento de Recolha de Dados

O instrumento utilizado para a recolha de dados foi um guião com perguntas elaborado pelos autores para proceder à técnica de entrevista semiestruturada. Foram abordados dois aspetos do estudo:

- Parte I: *Afiliações - historial de institucionalização* (10 questões);
- Parte II: *Sexualidade e Afetividade* (10 questões).

A parte I do guião abrangeu duas questões mais gerais relativas a perguntas simples: (1) costumas relacionar-te com os colegas com quem viveste no *colégio* (designação coloquial da residência de acolhimento)?; com que frequência se encontram?; que relação tens com eles (próxima?); são simples colegas?; amigos?; com quem convives, no dia-a-dia?; e (2) quem foi a pessoa para ti mais importante, dentro da instituição (porquê?).

A parte II dirigiu-se à Educação Sexual na instituição, separando-se temáticas, crenças sobre adolescência e sexo no adulto e, especificamente, os processos educativos utilizados: (1) no *colégio*, que situações de vida (foram e) são mais debatidas na área afetiva e sexual?; (2) que ideias, pensamentos (representações sociais) têm os adultos sobre a sexualidade na adolescência (em geral), de acordo com o género masculino e com o género feminino (como *são vistas* as raparigas?; como *são vistos* os adolescentes, os rapazes?); (3) de que recursos (humanos e técnicos) dispõem

no *colégio*, no que se refere à educação sexual? Como fazem a educação para a afetividade?

As perguntas formuladas dirigiram-se, primeiro, a vínculos/*afiliações*: continuidade (ou não) das relações com os ex-colegas de instituição; designação de adulto mais importante para o jovem na residência. Noutra área, abordou-se a dimensão da *sexualidade* na vida; o modo de *falar*, por quem da instituição e de que temas em educação sexual e para os afetos; e percepções da representação dos adultos sobre a sexualidade na adolescência, em geral.

Procedimento

O procedimento consistiu, primeiramente, na construção do guião de entrevista e na obtenção de consentimento informado dos participantes. Seguiu-se a realização das entrevistas semiestruturadas, considerando a relação de confiança e partindo de questão de género e intimidade entrevistador/a-entrevistado/a. Por último, efetuaram-se as transcrições das entrevistas e procedeu-se à análise de discurso dos dados convertidos em texto.

A partir dos textos, foram constituídas categorias *a priori* e *a posteriori*, não exclusivas, e seguindo a sequência do guião de entrevista. As categorias e subcategorias são representadas pelas “unidades de significado”, adiante sistematizadas por segmentos temáticos (T#1 a T#6) e subtemáticos (ST#1 a ST#4), respetivamente.

Análise dos Dados

Com base na perspetiva de Análise de Discurso, o guião de entrevista que criámos pode refletir «ações humanas e estas assemelham-se ao modo como um texto escrito se coloca ao leitor» (Tesch, 1990, p. 37). Defende-se que ser intérprete de ações seja uma condição de se ser-no-mundo, o que conduz a ver de modo diferente por conhecimento direto e atitude científica informada. O poder da voz do intérprete encontra-se então nos efeitos/consequências que cause, quando se problematizem questões não plenamente abordadas.

Nessa orientação primária, houve a intenção de que quem entrevistou jovens, conhecesse o contexto de vida dos inquiridos. Teria que falar com naturalidade, sentir-se confortável no que dissesse, achando que o seu trabalho é de valor social. O/a entrevistador/a, ao dar uma ou outra opinião, é aceite como uma figura de autoridade. Com essa convicção, presente na etnometodologia (Garfinkel, 1967) e na Análise de Discurso (“reflexividade”), escolheram-se como entrevistadores uma rapariga e um

rapaz, que frequentavam a comunidade religiosa e assistencial a crianças e jovens. Ambos tinham idades ligeiramente superiores aos entrevistados, possuíam estudos e profissões educativas, além de ser frequente o convívio entre eles no contexto em que se inseriam.

Em segundo lugar, podemos explicar ou dar conta (ver *accountability*) do que se esteja a realizar, estudando, uma consequência da concepção supracitada de *reflexividade*. Harold Garfinkel (1967) esclareceu-o, quando explicitou não se distinguir entre *dizer* e *fazer*: «nas atividades realizadas pelos membros [competentes], para produzirem e manejarem as situações da sua vida organizada, do seu dia-a-dia, se sabem fazer [ver *reflexividade*], sabem comunica-lo [*accountability*].» (p. 1).

Por último, a noção de “indexicabilidade” proporciona o apercebimento explícito do discurso, nas circunstâncias em que se consuma o acesso ao sentido da palavra. Assim colocado, lembrou-o Garfinkel, faremos de diálogos o que seja “um trabalho *documental*”. Cada ação e cada palavra remetem-nos para um arquivo, sem significado à margem do uso na linguagem e do espaço sociocultural de enunciação, dito que seja o contexto a propiciar os significados e a determinar a posição sociocultural dos falantes. Justifica-se assim serem os entrevistadores dois membros competentes da comunidade, entendendo bem as expressões coloquiais e os contextos para os indexicais utilizados (expressões como “aqui”, “ali”, “isto”, “aquilo”, “agora”, etc.).

De acordo com a Análise de Discurso, explorada por Jonathan Potter e Margareth Wetherell (1987), utilizamos sempre «Repertórios Interpretativos» (RI). Esta é uma denominação também presente no trabalho de Gilbert e Mulkay (1984) sobre o discurso científico. Podem ser dados exemplos no modo como se escreva ou se verbalize, usando um RI *sociologizante* (ex.: «a família costuma bater...»; «a família é desestruturada»), um RI *psicologizante* (ex.: «ele tem falta de controlo sobre si mesmo e bate no filho»), ou para um RI *biologizante* (ex.: «aquele homem tem falta de recetores para a vasopressina»; «um predador sexual»). Os RI que utilizaremos são transversais, o que indica uma orientação biopsicossocial de base teórica e presente na análise textual.

Resultados

Parte I – Afiliação – Historial de Institucionalização

Que dizer de amigos e pessoas de contacto diário, fossem educadores, técnicos e pares, amigos, namorado/s ou companheiros?

A Temática 1 (T#1) refere-se a “pessoas significativas na instituição”, em que se separaram a subcategoria, intitulada “relacionamento atual com pares”, da subcategoria “adulto/a de instituição”. São figuras de referência.

Na entrevista #1 (*João*), é referido um grupo de antigos alunos que continua íntimo: «É tipo um trio... vivo com um...», num entendimento mútuo com 20 anos (17 anos a viver na residência com os outros), a que se acrescenta a visita em sua casa de outros ex-colegas. O quadro é completado por alusão à *minha figura paternal* - o Educador *Jaime* (nome fictício), um religioso de instituição, com uma caracterização recriada por si: «Quando entrei, parecia que me queria *lixar a vida*, mas isso era tudo *manias da perseguição*, que *uma pessoa* tem na adolescência. Depois... aquele homem era *qualquer coisa*...» Reconhece-se que, tanto nessa última expressão, como em outros extratos de texto, *João* utiliza a 3ª pessoa para se referir a si mesmo, o que cria um distanciamento. *Jaime* é assim lembrado como *um amigo especial*, a atender que os seus *colegas... uns autênticos mandriões*, que querem agora marcar um [jantar-] encontro com ele, o Irmão *Jaime*, ainda que continuem a afirmar ser ele *uma praga*?... *Jaime* sabia *brincar*... «Tinha aquela postura mais dura que, com os seus quase 2 metros, assustava qualquer miúdo».

De novo, na entrevista #2 (*Francisco*) é identificada a casa partilhada, o trabalho, com outro ex-colega, o lazer em que *o pessoal da escola* (instituição) joga futebol, como antigamente e, por fim, a namorada, ausente por motivo de estudo. Além de *Jaime*, é nomeada uma educadora, *Fátima* (nome fictício): «ela sempre me tratou com muito carinho mesmo... era como se [eu, *Francisco*] fosse filho dela, e isso [a afiliação] ajudava muito em que eu me motivasse a não desiludi-la.»

A entrevistada #3 (*Teresa*) demarca o efeito criado por adoção e a distância, ainda que seja recordada *Fátima*: seria «uma relação muito próxima... alguns fins-de-semana [passava-os] em casa dela, quando era mais nova.»

Por último, as entrevistas com *Manuel* e *Júlia* parecem fazer parte de *geração* distinta, embora em *Júlia* se ressinta a ligação a duas jovens educadoras, recentemente admitidas, *Tânia* e *Gabriela* (nomes fictícios). Tendo deixado a residência, os laços assumidos por rapaz (*Manuel*) são formulados de forma indefinida e plural: «... gostou dos Irmãos e dos educadores.» A jovem *Júlia* vive com o namorado, «que conheci, quando andava lá», na casa dos pais deste.

Sujeita a reorganização, para efeito de análise, foi efetuada uma construção de amostra/grupo de estudo, na categoria Temática 2 (T#2), que incide em dados informativos sobre “Datas de admissão, tempo de acolhimento e saída de residência/s”, considerada em separado. Recolheram-se indicações como as datas da primeira (e segunda) inclusão juvenil (em

situação de frequência em várias instituições) e reintegração social; motivo/s de admissão (e de mudança de residência), além de outro/s motivo/s de admissão de pares.

Neste ponto, perguntou-se também sobre “bons” e “maus” momentos, durante o acolhimento de longa duração.

O curso de vida deriva na Temática 3 (T#3) para um “projeto de vida atual”, que indica o fim do percurso escolar, as habilitações acadêmicas alcançadas e/ou a atividade profissional, à data da investigação.

Nesse indicador inscreveu-se tanto o tempo de *Colégio* e projeto de vida, como a percepção assumida (ou não) de exclusão por institucionalização. Perguntou-se: «Em algum momento da tua vida, teres vivido numa instituição, te fez perder alguma oportunidade? Alguma vez te sentiste excluído ou marginalizado, por estares a viver no *Colégio*? Que oportunidades podes não ter tido por viveres em contexto institucional?»

Foi utilizado o termo “Colégio”, assim designado na “casa/Lar”.

Com as respostas obtidas construiu-se uma trajetória de vida sucinta para cada inquirido.

Parte II – Sexualidade e Afetividade

O núcleo central a apresentar colocou-se na Temática 4 (T#4) – “Sexualidade e Afetividade”, em que se distinguiram 4 subcategorias temáticas (ST#1 a ST4).

A ST#4 - 1 – Sexualidade - pede uma definição abrangente, esperando o que têm a dizer sobre amor e sexo.

A ST#4 - 2 - Educação para os afetos e sexualidade - incide na Educação Sexual, mas partindo da residência de acolhimento. Focam-se representações sociais (pensamentos, ideias, estereótipos e preconceitos) de adultos, sobre sexo na adolescência e de acordo com género.

Por sua vez, a ST#4 - 3 - Recursos humanos, na residência, para ser efetiva a Educação para os Afetos e Sexualidade - inclui professores/Irmãos, que cumprem a lecionação de aulas de Religião e Moral, de problemas de amor e sexo, além da relação de jovens às raparigas-senhoras, que são técnicas/educadoras.

Por último, a ST#4 - 4 - Temáticas sexuais de meninas e rapazes, na instituição, levou a serem salientadas as interações raparigas-adultos/as, raparigas-amigas, raparigas-namorados/companheiros e rapazes-amigos. Já nessa ST#4 - 4 - Temáticas sexuais de rapazes, novamente, são separadas as interações de género, procurando-se perceber se essa especificidade leva a atendimento diferenciado por adultos.

ST#4 - 1 – Sexualidade

Vejamos como é definida “sexualidade” por *João, Francisco, Teresa, Manuel e Júlia*?

Parece justificar-se fazer uma dicotomia “sexo-amor”, quando *João* o esclarece:

Se calhar, ultimamente, não tenho feito tanto *a parte* que engloba o amor. Tenho feito mais a parte do sexo. Pode ser uma necessidade fisiológica, como pode ser uma carência afetiva e acho que das duas formas, pode derivar a sexualidade. (E#1M24anos)

João coloca *as duas partes* em categorias opostas (não complementares). Uns tais termos precedem o seu *ideal de eu*, separador de *ser* hoje *um calhau* ou de *vir a ser alguém* [que ame], como quando se conheça *alguém...* por um *toque*, o que conduz a esclarecer: «a reprodução - tem a ver com a nossa carência [afetiva], por *toque* e queremos *mostrar* um grande afeto por outra pessoa.»

Essa primeira ideia é corroborada, de forma independente por *Francisco* quando disse «Sexualidade *não é só sexo!*» acrescentando o risco sexual por Doenças Sexualmente Transmitidas (DST), já se sabe mais *disso* (um indexical para DST).

Com *Teresa* a conceção de sexualidade é eloquente: «como um indivíduo *se expressa*, para *ênfatisar* o seu sexo», o que pode relacionar-se com a expressão, a performance e os papéis de género.

Noutra *dimensão*, *Manuel* enfatiza um processo sequencial sexual por um contacto, que é demonstração de amor [sexo], a *libertação de energias* e o *prazer* sexual: «importante é... tem uma dimensão enorme na vida do ser humano, pois, através dele [sexo] *liberta energias* e sente prazer.»

Por último, *Júlia* encara a “sexualidade” entrosada com a fase de *puberdade* e *as mudanças do corpo*.

Por sua vez, o/as aluno/as [jovens institucionalizado/as] *não fariam muito* [de sexo], mas *Teresa* crê que «[os aluno/as] são *avisados* [no género masculino], para *terem cuidado* e não se envolverem em situações [de gravidez não desejada], que os possam prejudicar um dia mais tarde.»

Na instituição em que *Teresa* foi internada, foram convidados palestrantes, anualmente, «para nos informar e discutir os temas de sexualidade, os dois sistemas reprodutores – masculino e feminino, doenças sexuais e a proteção adequada» Não nomeou que métodos de proteção sejam os adequados. Por seu lado, Manuel recordaria ainda «os inquiridos [relativos a sexualidade e afetividade] doutras pessoas, [vindas de] fora da instituição.» Havia também uma noite semanal, em que debatiam temas, de acordo com os inquiridos mais velhos (24-21 anos), de entre os quais se

destacava a sexualidade e afetividade, atendendo ao seguinte, referido por *Francisco*, com 21 anos:

Se [tu] tivesses alguma dúvida ou alguma questão [sobre sexo], ou se quiséssemos saber alguma coisa [sobre sexo], tinhas sempre alguém ao teu dispor para te esclarecer no que tu quisesses. Era como em qualquer casa de família. [Os educadores e/ou Irmãos] tinham sempre o cuidado de ver se estava tudo em ordem [em termos de condutas adequadas]. (E#2M21anos)

Na ausência de fala na 1ª pessoa, tal como *João*, *Manuel* comparou a condição institucional com a ordem familiar: «havia uns que não percebiam nada [em educação para a afetividade] e aproveitavam as questões dos outros para tirarem as suas dúvidas».

Por várias vezes, foram nomeadas as duas técnicas/psicólogas pelas entrevistadas (*Teresa* e *Júlia*), para falar de sexo e de amor, mas desde que houvesse com elas *uma relação de confiança*. A *amiga* que ajuda foi a profissional. Aliás, para um rapaz, também «temos um grande meio [o recurso nº 1] que é o *senhor Google*, e o *senhor Google* diz-nos muita coisa [de sexo].» Conforme à afirmação de *João*, «havia uns Irmãos *mais púdicos* que outros». No grupo *não púdico* encontra-se o Irmão *Jaime*, que falaria de *tudo*. Falar de *tudo* engloba e distingue *sexo-amor – o campo da vida* e *o sentido religioso*, nas duas aulas de Religião e Moral, em dias diferentes da semana.

O inquirido explicitou-o da seguinte forma justificativa de haver um *campo de vida*:

O campo de vida - sexualidade - [no sentido de] gravidez na adolescência - até porque havia casais [de namorados] lá e é um bocado complicado. E compreendo, numa instituição [mista], haver casais [de namorados]... dois [mais do que dois...] teenagers que só querem namorar a toda a hora. (E#1M24anos)

De acordo com *João*, os jovens ficariam atentos, mas sempre, às aulas sobre *o campo de vida*. *Francisco* defenderia que a sexualidade discutida teve que ver com «essa *cena* das doenças [DST], o uso do preservativo e os métodos contraceptivos e conhecer os órgãos [sexuais]...». De novo, na residência mista, para *Francisco*, «havia alguma *cena* [de risco de DST], que não estava lá muito bem?» Donde, a formação seguida nesse sentido era a orientação para terem *cuidado*, mas *sem assustar*. *Teresa* acentuou algo mais, nos termos fisiológicos aprendidos, como foi anteriormente descrito, incluída a proteção adequada. O desenrolar de conteúdos programáticos foi relatado, antes de *Manuel* acrescentar a importância da prevenção: «algumas doenças [DST] e formas de prevenção [aprendidas]», para se referir a métodos contraceptivos. A jovem que se afastou de insti-

tuição, aos 18 anos, *Júlia*, quando disse que «falava muito com a *minha* psicóloga», acentuou que «até me encaminhou para o [serviço de saúde e] *planeamento familiar*.»

ST#4 – 2 - Educação para os Afetos e Sexualidade

No respeitante a educação para os afetos e sexualidade não se esquecem os possíveis exemplos, ainda que não pedidos. Nesse ponto, é nomeado *um pai de um* [qualquer] *rapaz* (além de *eu...*), a comparação entre um homem e as raparigas... Portanto, foi dado o exemplo de relações filiais por *João*: «Vai depender [o que se fala] muito, se *tu* [o interlocutor sem filhos] tens *um filho rapariga* ou se tens *um filho que é rapaz*.» Enfatiza a educação segundo o género, discriminadora e coloca o interlocutor no papel de pai. Além do carácter *púdico* de um progenitor, acrescenta que, na comunicação franca (ou na sua ausência), não há interferência de *inteligência*. Referia-se, então, a que não dependam as conversações do alcance cognitivo, do nível socioeconómico e estatuto ou de residência no urbano. *Falar de sexo* não é derivado das habilitações académicas “elevadas”. Não é colocada a questão na 1ª pessoa, mais uma vez, mas dirigida ao interlocutor, dito que exista na expressão verbal empregue o assumir de pensamento adulto, com distinção de género. Para o ilustrar, *João* deu o exemplo, em particular: «Na minha família... [tem uma tia, um tio, uma prima...] não são as pessoas *mais inteligentes do mundo* - são de uma aldeia e [eu] já percebo que eles *viram-se para mim* e dizem – ‘ah! Tens usado *proteção*? Vê lá...’».

A ênfase familiar é colocada em que um rapaz deva evitar a gravidez de uma rapariga, sem nomear um método de prevenção de gravidez. A sua resposta dada à tia surgiu, no discurso direto: «E eu: ‘Oh tia! Por amor de Deus, não vai falar sobre *isto*...» Poderemos questionar se *João* pode ser considerado *púdico*, na sua forma de evitar discutir o tema sexual com a tia. Contudo, sabemos que as dificuldades de comunicação sobre sexualidade são maiores nas relações familiares (Anastácio, 2010).

Parecerá escusada a orientação da tia. Também o seu tio terá um discurso distinto na interação com a filha: «E *vira-se para a minha prima* e dizem-lhe [diz-lhe o pai]: “O quê? [Tens um] Namorados? Eu vou lá [ter com ele] com uma caçadeira!» - ... e coisas do género...»

A distinção de género é pertinente, pela segunda vez encarada por *João*.

Por conseguinte, a diferença no tratamento dos relacionamentos amorosos é sumarizada: «Em relação às raparigas, [os tios que têm uma filha] são um bocado mais protetores [referida a utilização de uma arma] mas acho que, se [a minha prima] tivesse um namorado, vão tentar aconselhar [a filha].»

Como o comenta *Manuel*, vão tentar alertar mais as raparigas? É como *Júlia* o defendeu? Comumente, adultos «têm sempre mais medo que as raparigas engravidem.» (E#5F18anos)

Na análise da entrevista com *João*, que o esclareceu, é mais a *tentativa* - função *protetora* do que a real *defesa de virgindade no casamento*. É não tanto [dizerem] - “Ah! - *valorizar a virgindade* - isso [a virgindade] é para levar para o casamento!»

Por seu lado, *Francisco* comentou que «eles [educadores e/ou Irmãos] tem ideia de que os rapazes - 12-13 anos - *só pensam* nisso [sexo]...»

Curiosamente, a distinção de exceção faz-se para a homossexualidade, de maneira coloquial, por um jovem, que evidencia o que designa de homofobia: «... Por outro lado, há exceções... agora, até há rapazes que *viram para o outro lado!*»

A mudança também se faz na viragem do discurso de *Francisco*, reportando-se a elas, ainda sem que tivesse sido perguntado:

Nas raparigas, se bem que *agora está a mudar um pouco*, acho que os *adultos estão mais descansados*, no ponto de vista [de sexo na adolescente] e tentam resguardá-las mais de predadores que andam sempre ali à volta... (E#2M21anos)

O conceito pejorativo de *predador* tem vindo a fazer a associação à biologia não humana e ao controlo social.

Francisco chegou a colocar-se no lugar dum adulto de quem falaria:

As raparigas são bem mais maduras que os rapazes... *enquanto que* um rapaz com 15 anos só tem *porcaria na cabeça*, uma rapariga tem já muito mais noção das coisas... (E#2M21anos)

Poderemos indagar se eles consideram ser *imatuross* e que elas não têm *porcaria na cabeça*. Subentende-se que os rapazes pensam muito mais em sexo do que elas, precocemente, no uso das suas palavras, *purass* e *madurass*. Esta conceção encontra fundamento em Brizendine (2006) ao referir que a área cerebral responsável pelos pensamentos sexuais é maior nos rapazes do que nas raparigas.

A jovem da mesma idade, *Teresa*, a viver desde os 15 anos no estrangeiro, estudante universitária, entendeu a pergunta em relação a *estereótipos*, quando afirmou o seguinte:

Não sei se posso falar pelos adultos – em *estereótipos*... mas penso que as expectativas e pensamentos são iguais para ambos os sexos (E#3F21anos)

Faz assim uma alusão a indiferenciação de género, em conversações sobre amor e sexo.

ST#4 – 3 - Recursos humanos, na residência, para ser efetiva a Educação para os Afetos e Sexualidade

Quanto aos apoios humanos na residência, para ser efetiva a educação para os afetos e sexualidade, *João mostrou* crer que:

as raparigas dirigiam-se às senhoras, até pelas questões da adolescência, começa a *metamorfose lá do corpo delas* e pronto... Elas falam mais entre elas. Acaba por ser só entre elas. (E#1M24anos)

Contudo, os rapazes também têm mudanças sexuais secundárias. *Francisco* não pensa de forma semelhante a *João*, sendo as entrevistas independentes:

Não tem nada a ver [com a questão de género]! No meu grupo [divididos 4 adultos para 7 crianças/jovens na instituição], havia... duas mulheres, um homem e o Irmão... Falavam todos abertamente... educadores com raparigas e educadoras com rapazes. (E#2M21anos)

Mas para *Manuel*, «faz confusão a alguns rapazes falar sobre a sexualidade com educadoras.»

Já *Teresa* defendeu que uma abordagem separada:

depende da personalidade de cada aluno [ou aluna, jovem morador na residência] mas os educadores... penso que estão preparados para ouvir e dar conselhos a qualquer um dos sexos. (E#3F21anos)

Sem tomar posição, *Júlia* «não falava muito... Só falava mesmo com a *minha* Psicóloga. Eu era - sou - *muito fechada*.» A interlocutora foi por si eleita.

O que *João* assumiu de diferente é que haja raparigas, as suas amigas, *mais maradas* que falam consigo de sexo: «falamos mais abertamente sobre sexo.» Autoapresenta-se, aliás, da seguinte maneira:

Sou *um bocado promíscuo* e, então, tenho *piadas muito assexuadas* [em vez de dizer *sexuadas*] e acho que [eu] torno tão à vontade as mulheres para falar comigo sobre sexo, que eu acho que, às vezes, *me sinto uma mulher à beira delas*, que eu ei lá... espera! (E#1M24anos)

Esperar-se-ia que tivesse dito que as suas *piadas*, pondo *à vontade as raparigas*, fossem *sexuadas*.

Mais uma vez e de forma distinta de *João*, *Francisco* entendeu o diálogo com figura de pai:

... é diferente falar com um grupo de amigas, porque se entendem da mesma maneira, do que se [elas] falarem com o *pai* que é *autoridade*... porque [elas] sabem que se *pisarem a linha* [por desvio, no relacionamento com rapazes], pode *correr mal*... [na admoestação, castigo ou rejeição paterna]. (E#2M21anos)

Nunca foi abordada a família na conversação, exceto quando se perguntou o motivo de viverem em LIJ, mas também *João* a referira no exemplo, se bem que após o divórcio não visse os progenitores.

Noutra passagem, *Francisco* acrescentaria o seguinte:

As raparigas - como são mais sensíveis - falam com as amigas mais sobre sentimentos. Elas falam mais do processo da evolução de uma mulher [no sentido em que] as raparigas mais velhas ensinam e dão instruções acerca de menstruação e coisas desse género... (E#2M21anos)

Os rapazes serão diferentes delas. Para *Francisco*, eles *estão mais à vontade* com adultos. Sendo um jovem que não vê a mãe há muito tempo pode ainda imaginar uma situação exemplar do outro que a tem:

O facto de seres um rapaz [interlocutor] e poderes falar com os teus pais... apesar de com as mães não se estar tão à vontade, porque mãe é mulher e há aquela cena de constrangimento... (E#2M21anos)

ST#4 – 4 - *Temáticas sexuais de meninas e rapazes*

E quando se fala de sexo e amor, com namoradas/“companheiras”?

Para *Francisco*, dirigindo-se ao interlocutor, esclarece: «Se te apaixonares, acaba [acabas] por ser *mais sentimental*, *falas* mais com a *tua* companheira...»

Então, *Francisco* entende que «[elas] falam mais sobre o sentimento [de amor] do que propriamente de sexo... [sexo] faz parte de uma relação mais avançada». Nova distinção de género, por relação ao entrevistador: «... [tu, um rapaz] não vais para à beira do teu amigo dizer ‘olha...o amor...’. Entre amigos [rapazes], acho que se fala mais na *palhaçada*».

João havia também considerado que «[a conversação] entre amigos é mais sexual...». No entanto, *Francisco* acrescentou que, afinal, «[todos] falam da mesma coisa [sexo]... [embora] pessoas diferentes e de maneiras diferentes».

Existem hiatos quando não se utilizem as palavras “sexo” e “amor” tão debatidas.

Por último, foi criada uma primeira e uma segunda categorias, em domínios residuais – a Temática 5 (T#5) - relativa a “Outros assuntos espon-

taneamente abordados”, bem como na Temática 6 (T#6) “Estabilidade emocional atual”, em que foram contrastados ao conhecimento dos entrevistadores os benefícios proporcionados por se viver em residência.

Para tentar identificar quais eram os benefícios de uma residência (propulsora de um sentido de vida cristão) foi formulada a pergunta da seguinte maneira: «como descreves a importância que viver no Colégio teve para o teu projeto de vida?»

Relativamente à Temática 5 (T#5) houve somente um depoimento (*João*) – dizendo algo que não fosse perguntado ou outro assunto:

É-me difícil manter uma relação estável hoje em dia... Primeiro, não me quero estar a meter com ninguém... não me apareceu a pessoa ideal, porque no amor é mesmo assim... Mas também ando a fugir um bocadinho ao compromisso, porque se calhar sou um bocado ‘apaixonado por personalidades’.
(E#1M24anos)

Sobre a Temática 6 (T#6) “Estabilidade emocional atual”, conta que, no seu dia-a-dia, *João* é um empregado lojista. Possui o 12º ano de escolaridade. Pode viver sem outros recursos familiares ou sociais, numa casa partilhada. Comentou a sua desproteção antecipada e encaminhamento académico, por parte da instituição: «sentia-me protegido lá [no Colégio] - e não só - sabia que cá fora era um mundo completamente diferente e que eu ia ter de *desenrascar* sozinho.» Essa conceção de desproteção não impediu do seguinte reparo - «aquilo [a residência] basicamente foi um grande hotel para mim... Foi um dos epílogos da minha vida.» Entende-o como o final de uma etapa de vida, passada na “grande instituição/hotel”. Depois da «adolescência, quando se está a modelar a personalidade», o jovem adulto não saiu da “casa/Colégio”, por ter atingido os 18 anos. Permitiram-lhe o prolongamento de estadia no LIJ, até ao limite etário máximo – os 21 anos. Porquê? «Porque nunca fui um membro desestabilizador... [eu fui] uma mais-valia para quem comandasse *as tropas*», no sentido da liderança difícil do *Colégio* misto, com cerca de 60 menores, em que são inevitáveis os problemas educativos de quem seja afastado muitas vezes dos progenitores.

Por seu lado, uma sua colega (*Teresa*) acreditou ter adquirido naquele local “grandes lições de vida” (entre os 7 e os 15 anos). Posteriormente adotada, deixou o local de residência e o país. Mas foi na organização católica e social que terá alcançado consciência e procedimentos éticos, frequentando, em Nova Iorque, num curso de mestrado de Saúde Pública, na especialidade de Saúde, Comportamentos e Sociedade. Ao ser questionada sobre como refere a educação no *Colégio*, responde: «Como se deve agir perante outras pessoas de uma maneira simpática e respeitosa...». Acresce ter aí vivido com “muita estrutura [disciplina] e orientações [para

a vida]», que nomeia para as seguintes áreas: «organização quotidiana, trabalhos [domésticos] de casa e aprendizagens [escolares], desportos e lazeres.»

Outra forma de destacar regras para a vida, por parte de *João*, foi dizer-se capaz de tomar as suas “decisões”, em independência, superando “a vergonha” e “ganhando confiança”, ao longo do tempo de internamento. O interlocutor pensaria que «se eu quisesse singrar na vida, ia depender muito [de mim, depois de 11 anos], mas ia depender mais de mim do que deles [dos tios e das tias]». A justificação para a diferenciação colocada em relação a familiares, passa por *João* acreditar nunca ter visto “nenhuma pessoa” – dos tios e das tias - a “sobressair”. O valor que se autoatribui se aplica a não ser uma “figura maternal ou paternal” qualquer dos seus tios e das suas tias. No entanto, ser “independente” implicou, na sua perceção, não ter tido possibilidade de frequentar a universidade e ter de trabalhar num estabelecimento comercial.

Discussão

Pela análise dos discursos reconhece-se que, por parte dos cinco inquiridos, não houve o reconhecimento de diferença – marginalização, estigma, limitado apoio social e familiar. Por outro lado, quando consideram uns «puros» («maduros», «com porcaria na cabeça...») e os outros «não puros», podemos questionar se são consequências que decorrem de discriminação.

Existem aspetos cognitivos do preconceito, devendo ser ouvidos rapazes e raparigas, segundo outra regra, a *assimilação-contraste*: “Assimilamos” facilmente um discurso, mas temos dificuldade em integrar o discurso contrário, estranho, no sexo “oposto”.

Outro aspeto a salientar é ter sido feita a apresentação de um modelo familiar relacional pai-filho/a, em ausência do próprio ou o entrevistador serem pais («se *tu* tens um filho [que é] rapariga ou se tens um filho que é rapaz...»). Verificou-se também o não reconhecimento/valorização de condições gravosas com pais, na infância e na adolescência.

No domínio da definição de sexualidade partilhada, os âmbitos preventivo e informativo são conhecidos. Os diálogos que os adultos têm com as jovens são distintos – os adultos falam mais com as meninas acerca de “menstruação”, sobre “questões do corpo”... Existe preocupação com elas, relacionada com a gravidez na adolescência. Com os jovens educa-se mais, segundo foi afirmado, o que seja sexo por prevenção de doenças, um outro espelho social.

No que se refere às consequências negativas do afastamento familiar prolongado, nos jovens houve atraso escolar, estando ausentes perturbações de desenvolvimento e de conduta.

Pensa-se que, além da definição de conceitos, seja fundamental que os educadores debatam emoções e sentimentos, uma vez que se verificou pelas entrevistas não ter sido dado relevo a relações afetivas e de intimidade, mas antes brincadeira e ironia.

Por último, importa acentuar que não foram dados motivos cabais para institucionalização do próprio ou de pares. Foram ignoradas ou rejeitadas as tentativas de revelação de adversidade, como foi dito, e de maus tratos/abuso. Tem vindo a ser observado que em situações de abuso, o silêncio possa indicar que se teme “magoar” os adultos implicados, que se teme o afastamento deles, a perda de afeto e a separação, quando não o “ridículo” e a etiquetagem de “mentira”.

Num apelo a que seja mudada a forma como se autonomizam ex-residentes, observou-se que estes jovens tendem a continuar sem rede de apoio social externa, sendo a família reduzida.

À exceção de um caso, os restantes não chegam a considerar a escola como um fator protetor e de encaminhamento futuro.

Considerações Finais

Na conjuntura mundial, nas Orientações da UNESCO (2009a), um compromisso de promoção educativa e sexual é colocado no género feminino, julgando-se menos “informado” em termos sexuais (vol. I, p. 6). Também se pensa que nas últimas quatro décadas tenham ocorrido extremas mudança no que seja designado “sexual” (WHO, 2002). O aparecimento do VIH/SIDA contribuiu para essa alteração e implicou medidas de Educação Sexual, sendo esta definida de forma transversal à educação, segundo a UNESCO (2009a, vol. I, p. 2) como: «uma aproximação ao ensino acerca de sexo e relacionamentos, culturalmente relevante e apropriada à idade, proporcionando informação cientificamente adequada, realista e em ausência de julgamento de valor.» Nesse sentido amplo, uma das medidas de sucesso, aprovada pela UNESCO, tem sido proporcionar educação independentemente da família, o que facilita a comunicação sobre sexualidade com cuidadores (como os de jovens institucionalizados), comunicação essa que é distinta da dos jovens que vivam com pais (Kirby, 2009; citado por UNESCO, 2009a, vol. I, p. 12).

Com base no conhecimento das necessidades de crianças e jovens de LLJ, será realizada formação dirigida a domínios explorados nos “projetos

de vida”: sexualidade e afetividade, podendo ser debatidas histórias-caso de bem-estar alcançado.

Em tempo breve, será efetuado um maior número de entrevistas que incluam outras idades e outras residências locais, de modo a enriquecer-se o estudo.

Recolhem-se, em paralelo, dados com técnicos das instituições, com diferentes perspetivas sobre sexualidade e afeto para ser melhorada a qualidade de intervenção.

Referências

- Alves, S. (2007). *Filhos da madrugada: Percursos adolescentes em lares de infância e juventude*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Anastácio, Z. (2010). Sexualidade na Fase Intermédia da Adolescência: Relacionamentos, Comportamentos e Conhecimentos. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2, 695-705.
- Antunes, C. (2010). *Abuso sexual na infância e na adolescência: Uma leitura narrativa do impacto e dos processos conducentes à resiliência*. Braga: Universidade do Minho.
- Brizendine, L. (2006). *O Cérebro Feminino*. Lisboa: Alêtheia Editores.
- Cohen, L., Manion, L. & Morrison, K. (2008). *Research methods in education* (6th Ed.). London: Routledge.
- Furniss, T. (1991). *The multiprofessional handbook of child sexual abuse: Integrated management, therapy and legal intervention*. London: Routledge.
- Garfinkel, H. (1967). *Studies in ethnomethodology*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall.
- Gilbert, N., & Mulkey, M. (1984). *Opening Pandora's Box: A sociological analysis of scientists' discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Instituto da Segurança Social/ISS (2012, março). *Relatório de Caracterização das Crianças e Jovens em situação de acolhimento em 2011*. Lisboa: Instituto da Segurança Social.
- Instituto de Segurança Social/ISS (2013). *Relatório de caracterização anual de situação de acolhimento das crianças e jovens, versão resumida*. Lisboa: ISS, junho, 2013.
- Jornal Correio do Minho*. (2012, 06/11/2012, p. 4).
- Jornal Público* (2013). Mais de 69 mil crianças e jovens em perigo acompanhadas pelas comissões de protecção. Texto de A. Sanches. *Jornal Público*, 27 de maio de 2013. On-line: <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/mais-de-69-mil-criancas-e-jovens-em-perigo-acompanhadas-pelas-comissoes-de-proteccao-1595577> (acedido em 15 de junho de 2013).
- Magalhães, T. (2010) (Coord.). *Abuso de Crianças e Jovens: da suspeita ao diagnóstico*. Lisboa: Lidel.

- Marvasti, J. (1995). Play diagnosis and play therapy with children victims of incest. In R. O'Connor & C. Schaefer (Eds.), *Handbook of play therapy* (Vol. II, pp. 1-41). N.Y.: Wiley and Sons.
- Potter, J., & Wetherell, M. (1987). *Discourse and social psychology: Beyond attitudes and behaviour*. London: Sage.
- Tesch, R. (1990). *Qualitative research: Analysis types and software tools*. N.Y.: The Falmer Press.
- UNESCO (2008). *School-centered HIV & AIDS care and support*. Paris: UNESCO.
- UNESCO (2009). *International technical guidance on sexuality education: An evidence informed approach for schools, teachers and health educators. Vol. I The rationale for sexual education*. Paris: UNESCO.
- WHO (2002). *Defining sexual health: report of a technical consultation on sexual health*. Geneva: WHO.

